CHINA USA TERRAS RARAS PARA FRAGILIZAR DEFESA DOS EUA

*Por Giuseppe Gagliano**

Imagem meramente ilustrativa, gerada por inteligência artificial.

A China reforça rigorosamente o controle sobre a exportação de terras raras, transformando-as em uma arma geoeconômica: pressiona os EUA e enfraquece suas indústrias de defesa e de tecnologia de ponta.

UM NOVO PASSO NA ESTRATÉGIA DE PRESSÃO DE PEQUIM

Na véspera do encontro previsto na Coreia do Sul, a China anunciou o reforço mais rigoroso jamais aplicado aos seus controles sobre as exportações de terras raras e ímãs permanentes. O "Anúncio nº 61/2025" do Ministério do Comércio chinês introduz um regime de autorizações prévias para qualquer exportação que integre materiais ou tecnologias de origem chinesa. Este dispositivo reforça a alavancagem diplomática de Pequim nas negociações futuras com Washington, ao mesmo tempo em que enfraquece a base industrial americana, especificamente nos setores da defesa e das tecnologias de ponta.

ARMA GEOECONÔMICA COM ALCANCE GLOBAL

Pela primeira vez, a China está aplicando a regra de "produto estrangeiro direto" (FDPR) ao setor de terras raras. Em termos concretos, qualquer produto fabricado no exterior, mas que contenha componentes ou tecnologias chinesas, terá que obter uma licença de exportação emitida por Pequim. Essa medida é ainda mais poderosa considerando que a China controla aproximadamente 70% da extração global, 90%

do refino e 93% da produção de ímãs de terras raras. A partir de dezembro de 2025, empresas ligadas a forças armadas estrangeiras — especialmente as americanas — terão seus pedidos sistematicamente rejeitados para qualquer uso militar.

O objetivo é claro: bloquear qualquer contribuição direta ou indireta de materiais chineses para cadeias de suprimentos militares estrangeiras. Esses materiais são essenciais para a fabricação de caças, mísseis, submarinos, radares e armas de precisão americanos. A medida, portanto, não é puramente econômica: constitui uma ferramenta de coerção estratégica.

UMA BASE INDUSTRIAL AMERICANA JÁ VULNERÁVEL

Muito antes deste anúncio, a base industrial militar americana estava em dificuldades. Os Estados Unidos lutam para aumentar rapidamente sua capacidade de produção, enquanto a China expande a sua a uma taxa estimada de cinco a seis vezes mais rápida. Os novos controles e o licenciamento caso a caso dão às autoridades chinesas considerável poder discricionário para desacelerar ou bloquear exportações críticas. Isso agravará a fragilidade americana em um momento de crescentes tensões na região do Indo-Pacífico.

Essas restrições também afetarão os materiais necessários para semicondutores avançados e equipamentos de produção. As empresas terão que fornecer documentação detalhada sobre usuários finais, especificações técnicas e usos pretendidos. Trata-se de uma burocracia estratégica usada como alavanca de poder.

CONTROLE DO KNOW-HOW: FATOR DE PODER

A China não está se concentrando apenas em materiais: também está restringindo o acesso a habilidades. As novas medidas proíbem cidadãos chineses de participarem de projetos estrangeiros relacionados à exploração, extração, processamento ou produção de ímãs sem autorização prévia. Pequim está, portanto, restringindo a transferência de tecnologia e protegendo o *know-how* que lhe permitiu alcançar o domínio global no setor. Este *lockdown* é uma continuação da proibição da exportação de tecnologias de refino anunciada em dezembro de 2023.

ALAVANCA DE NEGOCIAÇÃO ANTES DO ENCONTRO COM TRUMP

O momento não é coincidência. Pequim sabe que a questão das terras raras estará no centro das discussões com Washington. Em seu comunicado, o Ministério do Comércio reiterou que a China permanece aberta ao diálogo bilateral e multilateral, enfatizando que a soberania tecnológica é inegociável. Esta é uma manobra clássica: aumentar a pressão para obter concessões na mesa de negociações.

ESCALADA GRADUAL E CALCULADA

Esta nova medida marca mais um passo na exploração de terras raras. Em dezembro de 2023, a China já havia proibido a exportação de suas tecnologias de extração e separação. Em abril de 2025, restringiu a exportação de sete elementos em retaliação às novas tarifas americanas. Uma trégua temporária foi firmada em maio na Suíça, mas foi rapidamente contornada: Pequim desacelerou o licenciamento e causou paralisações na produção nos Estados Unidos. Um acordo frágil foi então assinado em Londres em junho, sem resolver os desequilíbrios estruturais.

EUA TENTAM RECUPERAR O ATRASO

Diante dessa ofensiva, Washington busca reconstruir uma cadeia de produção nacional. Resta hoje um único produtor de ímãs de terras raras nos Estados Unidos com o qual o país firmou uma parceria estratégica e investiu 400 milhões de dólares, garantindo um preço mínimo e financiando a expansão da fábrica de Mountain Pass, na Califórnia. O objetivo é desenvolver uma cadeia de suprimentos independente. Mas essa estratégia levará anos para produzir resultados, deixando a China com considerável vantagem a curto e médio prazo.

ARMA ECONÔMICA COM EFEITOS GEOPOLÍTICOS

A estratégia de Pequim é clara: transformar sua supremacia industrial em um instrumento de poder. Em um contexto de rivalidade acirrada no Indo-Pacífico, controlar o acesso às terras raras significa influenciar diretamente as capacidades militares dos Estados Unidos e de seus aliados. Não é uma questão de minerais: é uma questão de poder.

A mensagem enviada a Washington é explícita: sem uma alternativa confiável e rápida, a arquitetura de defesa ocidental permanecerá vulnerável a pressões econômicas graduais, precisas e calculadas.

Publicado no Le Diplomate.Media.

***Giuseppe Gagliano** é presidente do Centro Studi Strategici Carlo de Cristoforis, em Como, Itália. É membro do comitê internacional de assessores científicos do Centre Français de Recherche sur le Renseignement (Cf2R).*